

Para além da técnica: uma análise crítica do paradigma racionalista na teoria das organizações a partir da filosofia de Martin Heidegger

Beyond technique: a critical analysis of the rationalist paradigm in organizational theory from the philosophy of Martin Heidegger

Luiz Eduardo de Sousa Ferreira
Universidade Salvador – UNIFACS, Salvador, Bahia, Brasil

Raique Lucas de Jesus Correia
Universidade Salvador – UNIFACS, Salvador, Bahia, Brasil

José Euclimar Xavier de Menezes
Universidade Salvador – UNIFACS, Salvador, Bahia, Brasil

Resumo

A modernidade trouxe consigo uma crescente tendência de objetificação e instrumentalização do ser humano e da natureza. A racionalidade técnica-utilitária dominante na sociedade moderna tende a reduzir tudo a recursos a serem utilizados para determinados fins, o que leva à perda do sentido autêntico da existência. É nesse contexto que a hermenêutica do Ser de Heidegger emerge como uma alternativa filosófica que desafia as premissas da racionalidade técnica, buscando romper com a instrumentalização do homem a partir da proposição de uma relação não objetificadora com a realidade. Nesse contexto, partido dos pressupostos estabelecidos por Heidegger em sua filosofia hermenêutica, o presente artigo propõe uma análise crítica do paradigma epistemológico do racionalismo e sua aplicação na Teoria das Organizações. Para tanto, a pesquisa adotou uma abordagem exploratória e descritiva, com o método hipotético-dedutivo. A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento bibliográfico. Ao final, concluiu-se que as críticas de Heidegger sobre a entificação do ser e sobre a técnica moderna podem ser aplicadas ao racionalismo, confrontando o aspecto da instrumentalização e objetificação humana neste modelo organizacional.

Palavras-chave: racionalismo; técnica moderna; metafísica; *dasein*.

Abstract

Modernity has brought with it a growing tendency toward the objectification and instrumentalization of both human beings and nature. The dominant technical-utilitarian rationality in modern society tends to reduce everything to resources to be used for specific purposes, leading to the loss of the authentic meaning of existence. It is in this context that Heidegger's hermeneutics of Being emerges as a philosophical alternative that challenges the premises of technical rationality, seeking to break away from the instrumentalization of humanity through the proposition of a non-objectifying relationship with reality. Within this framework, based on the assumptions established by Heidegger in his hermeneutic philosophy, this article proposes a critical analysis of the epistemological paradigm of rationalism and its application in Organizational Theory. To this end, the research adopted an exploratory and descriptive approach, using the hypothetical-deductive method. Data collection was carried out through a bibliographic review. Finally, it was concluded that Heidegger's critiques of the reification of being and modern technique can be applied to rationalism, challenging the aspects of human instrumentalization and objectification within this organizational model.

Keywords: rationalism; modern technique; metaphysics; *dasein*.

Informações do artigo

Submetido em 22/11/2024
Aprovado em 22/01/2025
Publicado em 27/02/2025.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2025.v25n1.p05-24>



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Como ser citado (modelo ABNT)

FERREIRA, Luiz Eduardo de Sousa; CORREIA, Raique Lucas de Jesus; MENEZES, José Euclimar Xavier de. Para além da técnica: uma análise crítica do paradigma racionalista na teoria das organizações a partir da filosofia de Martin Heidegger. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 25, n. 1, p. 05-24, jan./abr. 2025.

1 INTRODUÇÃO

A Teoria das Organizações, ao se estruturar sobre o paradigma racionalista/funcionalista dominante que privilegia a eficiência, a produtividade e a maximização dos recursos, muitas vezes relega a dimensão humana a um segundo plano, tratando os indivíduos como meros instrumentos para atingir objetivos organizacionais (Dellagnelo; Machado-da-Silva, 2000, p. 23). No entanto, essa abordagem reducionista tem sido cada vez mais questionada à medida que se reconhece a importância fundamental das pessoas no contexto organizacional (Lima; Romero, 2013, p. 6; Mozzato; Grzybovski, 2013, p. 504-505). Nesse sentido, ao analisar criticamente os fundamentos do racionalismo na Teoria das Organizações e o papel atribuído ao homem, percebe-se que é necessário estabelecer um diálogo fecundo com filosofias que justamente colocam um olhar para a condição do ser humano, como é o caso da filosofia heideggeriana.

Heidegger critica o racionalismo moderno por sua tendência tecnicista (Brüseke, 1997, p. 4). Ele enfatiza que essa visão limitada da razão negligencia aspectos essenciais da experiência humana, como a dimensão do ser, a autenticidade e a relação significativa com o mundo e com os outros, o que leva à perda do sentido mais profundo da existência e ao “esquecimento do ser” (Brüseke, 1997, p. 4). Assim é que a filosofia heideggeriana nos convida a questionar as premissas do paradigma racionalista na Teoria das Organizações.

Heidegger apresenta duas críticas que se complementam como condição de possibilidade de enfrentamento a modelos racionalistas: a primeira centrando-se na metafísica moderna e na necessidade de superação do esquema sujeito-objeto, e a segunda, criticando a técnica moderna. Para Zeljko Loparic (2004, p. 53), o pensamento de Heidegger pode ser dividido em duas fases principais, destacando uma “crise” e uma “virada” nas reflexões do filósofo alemão, em que a questão do “sentido do ser” é deslocada para a “verdade do ser”. Se em um primeiro momento, Heidegger busca compreender o “sentido do ser” a partir do *Dasein*, ou seja, do ser humano como aquele que questiona e projeta o ser, em meados dos anos 1930, como diz Loparic (2004, p. 53), Heidegger percebe que a ontologia fundamental de *Ser e tempo* não é suficiente para lidar com a questão da técnica moderna. Ele constata que a vontade de poder não pode ser desconstruída apenas a partir do *Dasein*, pois ela é mais profunda e está enraizada na própria história da metafísica ocidental: “em outras

palavras, ele constata o fracasso da tentativa de desconstruir o sentido do ser que prevalece na atualidade por meio da ontologia fundamental, exposta em *Ser e tempo*, constatação que o obriga a procurar outros horizontes para essa pergunta” (Loparic, 2004, p. 53).

A partir daí, após a “virada”, Heidegger passa a entender a “vontade de poder” como o ponto terminal de um processo histórico de “ocultamento do ser”, na medida em que vê a técnica moderna como uma consequência desse processo de “ocultamento”, em que aquilo que é próprio do “existir humano” é relegado ao esquecimento. Assim, o ultrapassamento da técnica implica um retorno pensante à origem, de modo que, como lembra Loparic (2004, p. 56), na esteira do pensamento heideggeriano, “[...] a tarefa do filósofo não pode mais ser definida por um ativismo em prol da rememoração do ser, só podendo ser entendida como preparação para o outro começo do desocultamento do ser”.

Partindo dos aportes da hermenêutica do Ser de Heidegger, o presente artigo propõe uma análise crítica do paradigma epistemológico do racionalismo e sua aplicação na Teoria das Organizações. A delimitação deste objeto surgiu a partir da observação de que é da natureza da Teoria das Organizações realizar estudos epistemológicos e de paradigmas, articulando uma cognição integrada com outras áreas do conhecimento, neste caso, a filosofia hermenêutica. Portanto, trata-se de uma análise de pressupostos teóricos, e não de aspectos operacionais específicos nomeados como “racionais”, nem se pretende formular um novo modelo organizacional.

Em tal caso, o artigo se preocupa em: i) discutir os principais pontos da filosofia de Martin Heidegger; ii) estabelecer os pilares do racionalismo organizacional; e, por último, iii) realizar um confronto teórico de modo a observar possíveis falhas e problemáticas na teoria racionalista tendo como pano de fundo a crítica heideggeriana, principalmente no que se refere à condição humana.

Para tanto, a pesquisa adotou uma abordagem exploratória e descritiva. Segundo Gil (2008, p. 27), a pesquisa exploratória tem como principal finalidade proporcionar um maior entendimento sobre o tema em análise, explorando de forma não-estruturada conceitos, ideias, perspectivas e discussões candentes dentro de um determinado campo de estudo. Por sua vez, a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinado fenômeno, buscando estabelecer relações entre variáveis previamente definidas (Gil, 2008, p. 28). A

presente pesquisa também se ancora no método hipotético-dedutivo, onde estatuiu-se a hipótese de que a crítica heideggeriana a metafísica e a técnica modernas pode oferecer uma base filosófica sólida para superar o racionalismo organizacional, repensando a visão reducionista que trata os indivíduos como meros instrumentos e resgatando a dimensão humana como elemento basilar de uma nova prática organizacional centrada na valorização dos sujeitos em sua *autenticidade* existencial e não como *objetos* manipuláveis. O processo de *falseamento* se baseou na interpretação hermenêutica das categorias de análise, partindo da compreensão de que toda realidade é erigida na historicidade dos conceitos e na linguagem. A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento bibliográfico, em fontes impressas e digitais, recolhendo obras, artigos e outros materiais que pudessem sedimentar a discussão com conceitos e abordagens pertinentes para uma análise crítica e contextualizada dos pressupostos teóricos do racionalismo organizacional e da filosofia heideggeriana.

Este artigo está estruturado em três seções principais. A primeira seção apresenta pontos relevantes da filosofia de Heidegger para a presente investigação. A segunda seção trata exclusivamente do racionalismo na Teoria das Organizações, articulando seus marcos e conceitos. A terceira seção promove um diálogo entre os pilares teóricos dos fenômenos estudados e confronta-os de modo a se extrair conclusões, sintetizadas nas considerações finais.

2 A ONTOLOGIA EXISTENCIAL DE HEIDEGGER

2.1 A crítica ao afastamento do sujeito que conhece do objeto que é conhecido

Historicamente, a filosofia se manifestou a partir de diversos pressupostos e paradigmas que orientaram os modelos de pensamentos e de construção do conhecimento. Para o entendimento do pensamento heideggeriano, é preciso ter em mente sua proposta de rompimento com um desses modos de compreensão das manifestações do homem no mundo.

Nas primeiras linhas de *Ser e Tempo*, Heidegger (2006) apresenta sua intenção de realizar uma retomada quanto ao primado da questão do Ser no conhecimento filosófico, que julga estar esquecido, ou ocultado, no período de primado da metafísica. A metafísica se caracteriza por estruturar uma relação entre o sujeito que

pensa e o objeto observado de maneira separada, orientada pela subjetividade e racionalidade, de modo que coloca a linguagem como um modo de expressão, ou de apreensão, a partir do momento que é a exteriorização da razão do sujeito (Oliveira, 2006, p. 204).

Trata-se de um dualismo presente nesse modo de pensar, também chamado de “filosofia da consciência”. Fundamentalmente, tal filosofia busca colocar o sujeito numa condição de emanador dos sentidos, na medida em que tem uma razão em suas faculdades mentais que o permite acessar a essência dos objetos.

Sendo assim, o homem é inteligente e o real é apenas o palpável pela racionalidade, instrumentalizando a linguagem como um mero meio de acesso à determinada verdade/essência, esquecendo-se do sentido do Ser. Conforme afirma o próprio Heidegger:

E não só isso. No solo da arrancada grega para interpretar o ser, formou-se um dogma que não apenas declara supérflua a questão sobre o sentido de ser, como lhe sanciona a falta. Pois se diz: "ser" é o conceito mais universal e mais vazio. Como tal, resiste a toda tentativa de definição. Esse conceito mais universal e, por isso, indefinível, prescinde de definição. Todo mundo o emprega constantemente e também compreende o que ele, cada vez, pretende designar. Assim o que, encoberto, inquietava o filosofar antigo e se mantinha inquietante transformou-se em evidência meridiana, a ponto de acusar quem ainda levantasse a questão de cometer um erro metodológico (Heidegger, 2006, p. 37).

Tal crítica atinge grandes pilares da filosofia, como Aristóteles, Descartes e Kant, que produziram teorias tradicionais da consciência e do conhecimento orientadas no esquema sujeito-objeto tratado mais acima (Stein, 1990, p. 13).

Ou seja, Heidegger, em *Ser e Tempo*, representa um giro epistemológico ao colocar de maneira radical a problemática na construção do conhecimento filosófico: a partir do momento que se afasta da busca pelo sentido do Ser, atendo-se apenas ao que pode ser tocado pela abstração da sensibilidade humana (os entes), é produzida uma entificação do próprio homem, tornando-o dominador da linguagem e absolutizando sua dimensão instrumental, de modo que utiliza a linguagem apenas como um meio de contato com o outro.

A partir desse cenário de utilização manipuladora da linguagem pelo homem racional/metafísico, a relação apartada de sujeito-objeto também provoca um afastamento da consciência do homem e do mundo, principalmente na construção da subjetividade Cartesiana. Segundo Stein (1990, p. 22):

Heidegger procura pensar o sum do cogito ao criticar a separação da “mens” e da “res”, a “res corpórea”, ele afirmará que o “mundo” é o correlato do “sum”; por isso, ser no-mundo. Antes da evidência de qualquer teoria e ponto de partida da “teoria do conhecimento” e antes de qualquer subjetividade fundante, há uma evidência operando na situação de ser-no-mundo (Stein, 1990, p. 22).

Nessa senda, percebe-se como percorreu o pensamento de Heidegger ao formular o conceito de Dasein, ou ser-aí, ser-no-mundo. O sujeito não está apartado do mundo dos objetos em sua racionalidade e intuição, mas está jogado na realidade, condicionado e contingente aos efeitos históricos e temporais da linguagem, em constante troca com os objetos.

Sendo assim, não pode o homem pretender uma relação dominadora e manipulável da linguagem, visto que sua existência é essencialmente relacional, cabendo à filosofia buscar ir “às coisas mesmas”, através da fenomenologia e da compreensão da hermenêutica ontológica (das questões do Ser), visto que o homem sempre é sua relação com o mundo.

Dessa forma, a linguagem se manifesta de maneira imediata e não está sujeita a uma compreensão anterior que a exterioriza. Por isso, qualquer utilização deste elemento que constitui a essência do Ser nos moldes pensado na filosofia da consciência, induz uma problemática de dominação da realidade.

2.2A crítica à técnica moderna e massificação do homem

Construindo sua filosofia inicialmente com uma crítica radical a uma utilização instrumental e superficial da linguagem, Heidegger avança em seu pensamento para um dos principais pontos de sua teoria, e que é fundamental para investigar a questão aqui colocada acerca da racionalidade organizacional: a crítica à técnica moderna.

Conforme visto no estabelecimento de pontos básicos do pensamento de Heidegger no que se refere à crítica do sujeito subjetivista-racional e ao confronto à teoria do conhecimento, o filósofo propõe um caminho de rompimento, afastando-se da concepção de que “a linguagem é reduzida à informação como processo pelo qual o homem toma conhecimento dos entes, a fim de poder exercer sobre eles o domínio” (Oliveira, 2006, p. 203).

Heidegger empreende uma crítica profunda à técnica moderna, indo além da concepção comum que a vê apenas como um meio para atingir certos fins ou como

um mero fazer humano (Brüseke, 1997, p. 5). Ele reconhece a validade dessas definições, mas defende a ideia de que a técnica não é apenas um instrumento passivo, mas sim uma maneira de “desocultamento”, uma forma pela qual o homem se relaciona com o mundo. Conforme explica Franz Josef Brüseke:

Definir a técnica como uma maneira de desocultamento significa entender a essência da técnica como a verdade do relacionamento do homem com o mundo. A técnica não é mais algo exterior e exclusivamente instrumental, mas a maneira como o homem apropria-se e aproxima-se da natureza (Brüseke, 2001, p. 62).

Ao entender a técnica como desocultamento, Heidegger destaca que ela influencia profundamente a relação do homem com o Ser, ou seja, com a totalidade do que é. Nessa perspectiva, faz alerta para uma importante distinção: a técnica antiga difere da técnica moderna. A primeira se essencializa na ocorrência do desocultamento, na sua condição de não ser apenas um meio, mas um modo de desabrigar e possibilitar o acontecer da verdade da natureza (Heidegger, 2020, p. 49), a exemplo do fazer do camponês que não desafia o solo do campo, mas “ao semear a semente, ele entrega a semeadura às forças do crescimento e protege seu desenvolvimento” (Heidegger, 2020, p. 53).

A técnica moderna, por sua vez, também se caracteriza por ser um desabrigar, mas difere da técnica antiga ao desafiar a natureza numa lógica de subsistência e estoque de recursos, que converte o próprio humano em recurso. Nessa senda, o “desabrigar imperante na técnica moderna é um desafiar (*herausfordern*) que estabelece, para a natureza, a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal” (Heidegger, 2020, p. 52).

Ele alerta para o perigo de que a técnica moderna, ao se concentrar exclusivamente em seu aspecto objetificador, esqueça a dimensão do desocultamento que revela a verdade sobre a natureza do Ser (Brüseke, 1997, p. 8). Isso significa que o homem pode perder a capacidade de perceber o que transcende seu horizonte imediato e, assim, não compreender plenamente a realidade. Como escreve o próprio Heidegger:

O desabrigar que domina a técnica moderna tem o caráter do pôr no sentido do desafio. Este acontece pelo fato de a energia oculta na natureza ser explorada, do explorado ser transformado, do transformado ser armazenado, do armazenado ser novamente distribuído e do distribuído renovadamente ser comutado (Heidegger, 2020, p. 56).

Existe outra importante separação a ser feita, entre a técnica e a essência da técnica. Tal utilização da linguagem como informação é o modo como a natureza se revela por meio da técnica moderna de maneira manipulável, sujeita às designações e interesses do homem.

Assim, com um uso da linguagem destituído de significados e voltado para dominação, nesse caso através da técnica moderna, a massificação do homem é inevitável, visto que este fica preso à superficialidade:

Isso aponta para um problema muito sério de nosso processo civilizatório, o processo de massificação do homem: os conteúdos mais profundos são afastados da linguagem para facilitar seu manuseio, mas também porque o homem inautêntico não tem mais acesso à profundidade de sua vida. A linguagem tornou-se um fenômeno de superfície que toca apenas a superfície da vida humana (Oliveira, 2006, p. 204).

A essência da técnica, por sua vez, não seria maléfica, visto que é uma maneira de deixar acontecer uma verdade que é inerente às coisas, a partir da manifestação da natureza em sua verdadeira essência, sem a manipulação dos interesses humanos. A questão fundamental aqui é a crítica à técnica moderna, uma forma de se relacionar no mundo diferente da manifestação da essência da técnica.

Conforme visto, a crítica à metafísica dialoga com a crítica à técnica e à massificação do homem, principalmente ao se pensar na técnica como a manipulação maquinadora que captura o ser humano a partir de um esquema construído na filosofia da consciência, que coloca o sujeito como dominador da linguagem, e consequentemente, do mundo que o cerca.

Entende-se que a linguagem é a casa do Ser, é o que dá sentido e media a relação com o mundo numa circularidade intersubjetiva, por isso, manipular o papel da linguagem é reduzir o Ser, ocultando-o e recaindo na problemática da subjetividade metafísica. Tal problemática e esquema paradigmático não fica restrito ao campo do pensamento filosófico, mas também no que se refere à ciência moderna, visto que esta se orienta justamente por uma lógica maquinadora e de dominação (Brüseke, 1997, p. 26).

Tal ciência possibilita, assim como a técnica, a prisão em um mundo da razão calculadora baseado na compreensão de um homem racional que através de uma linguagem instrumentalizada, manipula os elementos da natureza e o próprio homem, reduzindo-os à “vontade de poder”, que Heidegger vê como uma expressão do niilismo moderno (Brüseke, 1997, p. 26). É nessa perspectiva que será analisado o

diálogo com o paradigma racionalista da Teoria das Organizações, compreendendo seus conceitos e confrontando-o com os elementos supracitados.

3 O RACIONALISMO NA TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES

No livro Anna Kariênina, de Liev Tolstoi, o personagem Liévin discute com seus amigos, também proprietários de terra, qual a melhor maneira de otimizar sua produção e melhorar a relação com os camponeses, que estavam sendo “seduzidos” por tendências e debates de maior liberalização política. Em determinado momento do diálogo é dito a Liévin:

Mas não sei o que tanto surpreende o senhor. O povo se encontra num nível tão baixo de desenvolvimento material e moral que, obviamente, há de se opor a tudo o que lhe for estranho. Na Europa, a gestão racional funciona porque o povo é educado; portanto nós devíamos educar o povo, e pronto (Tolstoi, 2017, p. 341).

Neste trecho, é possível observar características de um paradigma que marcou a Teoria das Organizações e ainda produz seus efeitos. O racionalismo é um modo de produção organizacional que preza pela ordem, hierarquia, divisão do trabalho imposta à rigorosa coordenação e se orienta por leis científicas, excluindo-se totalmente valores e emoções humanas (Reed, 1999, p. 67).

Os principais teóricos dessa corrente da Teoria das Organizações são Taylor e Fayol, que publicaram suas principais obras na mesma época. Tal concepção busca articular a organização de modo racional, para que se resolvam problemas específicos e coletivos, com surgimento num cenário de industrialização. O racionalismo pressupõe que o indivíduo seja racional, e que devidamente organizado, ou “educado”, como foi proposto a Liévin, seja passível de otimizar a produção, sendo útil em uma estrutura organizacional racionalizada:

Os seres humanos tornam-se "matéria prima" transformada pelas tecnologias da sociedade moderna em membros bem comportados e produtivos da sociedade, pouco propensos a interferir nos planos de longo prazo das classes dominantes e elites (Reed, 1999, p. 67).

Dessa maneira, o racionalismo tem fortes bases na ciência, principalmente na teoria de racionalização do trabalho formulada por Taylor, a administração científica. A administração científica tem a eficiência como principal meta, colocando o trabalhador como elemento que compõe determinada estrutura, realizando tarefas

simples e que não se demandam muito conhecimento, mas que são constituídos por um método passível de execução após rigoroso treinamento (Taylor, 1990, p. 101).

A cientificação da administração é fortemente reforçada por Taylor (1990, p. 95), o que se depreende de seu destaque para os princípios fundamentais de administração científica: desenvolvimento de uma verdadeira ciência, seleção científica do trabalhador, sua instrução e treinamento científico e cooperação íntima e cordial entre a direção e os trabalhadores.

O autor ressalta a capacidade desta teoria em conter greves e questionamentos dentro do corpo organizacional, além de salientar o poder da administração científico-racional em aumentar a produtividade e o esforço do homem médio, disponibilizando mais coisas úteis para a humanidade.

A linha racionalista do pensamento de Taylor (1990, p. 33) sustenta o entendimento de abandono do método empírico e consequente adoção de métodos científicos, inclusive nas subdivisões do trabalho. Este último elemento é fundamental, a extrema divisão e especificação do trabalho em pequenas tarefas.

Nesse cenário é possível destacar um forte elemento do paradigma racionalista, a natureza de dispensar que o operário refletisse sobre o que fazia, cabendo a ele apenas cumprir seu papel na organização formal como um executor.

Trata-se de um pensamento que busca aliar a cordialidade dos trabalhadores com os patrões com o alcance do maior grau de eficiência, buscando beneficiar e otimizar a produção, destacando o autor que o elemento mais importante desse sistema é o benefício da inexistência de gasto do tempo dos trabalhadores com “críticas, vigilância suspeitosa e, às vezes, franca hostilidade” (Taylor, 1990, p. 103).

Outro marco do racionalismo, Fayol, com a teoria administrativa, introduz uma ideia de que é preciso realizar adaptações ao contexto organizacional que se pretende racionalizar. O fayolismo colocou um olhar especial no que se refere à hierarquia e ao papel do administrador, estabelecendo o processo racional da atividade administrativa, rechaçando os chefes que seguem a intuição e abrem mão da racionalidade (Silva, 1960, p. 164).

Nesse sentido, Fayol (2011, p. 53), assim como Taylor, estabelece alguns princípios da administração, sendo eles a divisão do trabalho, autoridade, disciplina, unidade de comando, unidade de direção, subordinação dos interesses individuais aos interesses gerais, remuneração, centralização, hierarquia, ordem, equidade, estabilidade de pessoal, iniciativa e união.

O autor entra em maiores meandros do trabalho do gestor, que tem como funções precípuas prever, organizar, coordenar e controlar, entendendo o ato de administrar como a busca pela eficácia e eficiência, além de ir na mesma direção de Taylor ao formular uma teoria geral da administração, calcado na racionalidade do gestor em tomar uma decisão neutra, científica e racional de adotar este modelo de organização administrativa.

A referência a Taylor e Fayol serve para situar o caráter conceitual-clássico do paradigma que representam e direcionar a análise de um sistema que ainda persiste em nossa sociedade, como em fast-foods e sistemas de telemarketing, por exemplo.

Assim, pode-se afirmar que o racionalismo organizacional capitaneado por Taylor e Fayol tem como premissa epistemológica o racionalismo filosófico, ao se estabelecer na esteira da primazia científica lógico-instrumental, destacando-se a reprodução da separação sujeito-objeto que marca o racionalismo filosófico, na medida em que as teorias entendem o ambiente da administração como direcionadas pelo gestor (sujeito cognoscente da organização) que pacifica e potencializa o trabalhador (objeto).

O paradigma racionalista parte de regras universais, pré-estabelecidas e científicas para o ambiente organizacional, no qual alguns poucos irão organizar (racionalmente) e outros irão executar. Este ambiente é necessariamente pensado para cuidar do comportamento dos agentes envolvidos, de maneira que assim como na filosofia a razão é entendida como meio para se chegar ao conhecimento, aqui a razão é fundamental para se chegar à eficiência.

Teve como destaque também o caráter de introdução na Teoria das Organizações um modo de estudo sistematizado, associado ao conhecimento científico, visto que tal paradigma estava vigente e influenciou a formulação das teorias nessa corrente. Nessa perspectiva, é possível observar que o paradigma racionalista representou um grande marco epistemológico nos estudos organizacionais, visto que tal construção de um poder organizado repercutiu em diversos modelos de organização para além das barreiras das fábricas.

Pode-se citar a burocracia, na concepção de Max Weber, como um dos marcos da matéria da administração que tem forte viés racionalista, compartilhando inclusive das características desta corrente, como a hierarquia, divisão do trabalho e a autoridade-legal. Dessa forma, reunindo os conceitos aqui articulados, é perceptível que o racionalismo organizacional coloca o trabalho como sendo passível de divisão

e racionalização, e dentro desse cenário mecanizado e racional põe o indivíduo como um executor de tarefas, voltados à eficiência dispensando uma exigência de reflexão sobre sua atividade.

4 O RACIONALISMO ORGANIZACIONAL DIANTE DA PRAGMÁTICA EXISTENCIAL

O problema central que conduz a obra de Heidegger é a crítica ao esquema metafísico construído principalmente na filosofia da consciência. Desta problemática epistemológica levantada, ocorre um avanço para as críticas à técnica moderna, que predomina no esquema de separação sujeito-objeto.

Heidegger (2025, p. 1) destaca que a técnica moderna é de essência idêntica à da metafísica moderna. O racionalismo se apresenta como um modo de pensar a organização que se encaixa nos principais dilemas associados à assunção do esquema sujeito-objeto do subjetivismo moderno, bem como na conversão do humano em mero recurso, numa lógica de mera subsistência, característica da técnica moderna.

Fazer esse cruzamento interdisciplinar é fundamental para assumir a complexidade do dilema (Fadul; Mac-Allister, 2009, p. 357). Ao colocar o homem como ser racional dentro da organização, capaz de seguir ordens e não refletir sobre sua atividade, sendo mero executor, o racionalismo dispõe o sujeito como dominado, visto que tem como real apenas sua relação com o que é material, e dominador, pois manipula a natureza às suas intenções.

Nesse sentido, é possível colocar o paradigma racionalista como um meio de produção erigido no projeto da técnica moderna-maquinadora, e, portanto, um caminho para a instrumentalização da linguagem, constituindo um homem superficial, objetificado e massificado, esquecido da verdade do Ser:

Esta intenção da metafísica como esquecimento do ser revela a própria situação em que nos encontramos. Ela determina o modo em que estamos existencialmente constituídos. E a abertura em que nos encontramos lançados como projeto atualmente (e que nos constitui radicalmente) caracteriza-se como um esquecimento do ser em favor do ente. A partir da análise de Heidegger, podemos compreender que esta abertura, por mais que pareça uma atividade humana através de suas capacidades inventivas e racionais, o mundo, a história e a existência não dependem de uma decisão nossa, mas de algo que não somos nós e sim como situação que nos constitui (Cocco, 2006, p. 37).

Tal superficialidade racionalista, que pensa uma organização construída por homens que não pensam e são treinados para tarefas extremamente específicas, contraria a noção que Heidegger retoma da *techné*, que seria uma maneira de respeitar a vontade e as sugestões da natureza, sem explorá-la. Trata-se de uma metafísica produtivista, na qual a individualidade do Ser é rejeitada em nome de uma dominância da ciência e da técnica sobre a realidade que os constitui (Cocco, 2006, p. 36).

Vale salientar que tal problemática da massificação do homem decorre do uso instrumentalizado da linguagem, visto que apenas assim tal lógica de pensamento racionalista poderia ser efetiva na missão de sujeitar o homem à condição de explorador e executor. De acordo com Oliveira (2006, p. 204), “para cumprir sua função como instrumento, a linguagem precisa ser formalizada, o que ocorre por meio da criação de linguagens artificiais que são cálculos lógicos”.

No caso de uma “máquina humana”, ou seja, uma organização racional, a linguagem artificial pode ser correlacionada com os protocolos e treinamentos extremamente específicos e especializados. Portanto, tais mecanismos organizacionais reduzem a condição do trabalhador, e se sustentam numa hierarquia organizacional de divisão do trabalho também pensada numa perspectiva objetificadora, visto que o sujeito é aquilo que determina a máquina, ou nesse caso a organização/administrador racional:

Ademais, ele “elevou” à teoria e prática da administração organizacional de uma antes intuitiva para um corpo de conhecimentos codificados e analisáveis, tornando possível, inclusive, transações com o poderosíssimo capital cultural e com o simbolismo de ciência (Reed, 1999, p. 68).

Assim, ainda na metáfora da máquina humana, que se constitui de operadores com atividades definidas em todos setores e que em conjunto tem determinado objetivo comum, é possível também associar o dilema da instrumentalização à ideia de que o homem racional deve ser institucionalizado e organizado, ou seja, alienado.

Por conseguinte, no paradigma racionalista, a natureza manipulada é tanto o homem, dentro de uma cadeia exploratória baseada na divisão do trabalho, quanto as matérias primas fornecidas pelo mundo, a depender do objetivo final da organização. Em todos sentidos, a relação maquinadora verificada por Heidegger na técnica e ciência moderna (elementos que constituem o racionalismo) se faz presente,

perpetuando uma relação com as coisas outras construídas unicamente nos designíos e vontade do homem, em sua pretensão de domínio da realidade:

A ciência, por sua vez, foi dividida entre conhecimentos da natureza e da humanidade. Essa divisão, na percepção de Casanova (2006, p. 15), acentuou-se porque os cientistas, na "idade moderna" fizeram "cada vez menos esforços para vincular os conhecimentos acerca da natureza e da humanidade". A tendência, a partir da revolução industrial, foi a especialização disciplinar. Casanova (2006) relaciona esta tendência ao equacionamento do problema da divisão de trabalho, e, em correlato, da racionalização da produção (Fadul; Mac-Allister, 2009, p. 355).

Ou seja, o homem educado e organizado, devidamente treinado pode executar acriticamente tarefas simples é pressuposto de funcionamento do esquema racionalista, tendo a sua compreensão da realidade adstrita ao ambiente de trabalho.

A série "Ruptura", da Apple TV+, introduz uma empresa, a Lumon, que oferece um procedimento para que os funcionários dividam sua consciência em duas: consciência de dentro e de fora do trabalho. Tal procedimento, chamado justamente de Ruptura, faz com que os funcionários, estando dentro dos domínios da empresa, não se recordem absolutamente nada de sua vida cotidiana fora do trabalho.

Com o objetivo de melhorar o comprometimento e efetividade dos funcionários, a empresa impede o recebimento ou envio de qualquer informação da vida fora dos domínios da Lumon. No exercício das suas funções, os funcionários são efetivamente outra pessoa, com personalidades diferentes.

O papel dos funcionários é fazer o processamento de microdados, uma atividade de alta abstração e especificidade, que envolve a organização de números na tela do computador. Para manter a cordialidade e alienação dos funcionários, a empresa desenvolve uma mitologia própria que rivaliza setores e cria os próprios deuses e inimigos.

Assim, o horizonte existencial do funcionário objeto da Ruptura se torna apenas a execução de tarefas especializadas dentro do ambiente de trabalho, com todas suas relações sociais, afetivas e com o próprio mundo sendo voltadas ao trabalho.

A obra faz uma crítica semelhante àquela aqui proposta: o paradigma racionalista reduz e objetifica as relações humanas e dos homens com o mundo, a partir do momento que se orienta por uma ciência erigida no paradigma da consciência, ou seja, no esquema metafísico, que tem o homem como senhor do mundo e dos sentidos:

A essência do humanismo é a ciência, porque, como disse Descartes, através do método científico o homem se torna *dominator et possessor mundi*, dominador e senhor do mundo. O homem descobriu o método para ler a natureza e organizá-la de acordo com seus planos, e desta forma se torna um pouco ingênua a divisão entre as ciências humanas e as ciências naturais, uma vez que é a ciência moderna que dá ao homem a primazia sobre a ordem natural (Galimberti, 2015, p. 7).

O pensamento de Taylor (1990, p.101) sobre o aumento das vantagens materiais através da adoção de um paradigma racionalista de administração se sustenta no entendimento de que o aumento do esforço humano se dá, entre muitas coisas pela descoberta do vapor, da eletricidade, das máquinas e das invenções.

Além disso, associa a prosperidade e a civilização dos homens à sua produtividade e eficiência (Taylor, 1990, p. 102), calcado no entendimento de que a adoção de seu modelo de organização é uma questão científica. Ora, Heidegger (2025, p. 2) alerta sobre os desdobramentos da era inaugurada pela metafísica moderna, notadamente na reflexão da essência da ciência moderna para reconhecer o seu fundamento metafísico.

Dessa forma, não restam dúvidas que as críticas de Heidegger podem ser direcionadas para a construção epistemológica do racionalismo organizacional, pois converge as críticas feitas em *Ser e Tempo* na em *A Questão da Técnica*. Por isso, devem ser rechaçadas estruturas que condicionam o homem a uma relação reducionista com o mundo, visto que “só há mundo e só há verdade, porque o homem é Dasein” (Oliveira, 2006, p. 209), ou seja, é da natureza do ser estar constituído na sua existência através da linguagem.

Na esteira desta crítica, modelos de produção e de relações humanas, não podem ser pensados em uma lógica maquinadora que rejeitam a condição humana relacional, reduzindo o homem a executor acrítico de suas tarefas, sendo matéria-prima de si mesmo.

Esta reflexão se alinha com o dilema imposto pela separação entre sujeito cognoscente, senhor dos sentidos, do objeto conhecido, dominado pela razão humana. Heidegger (2025, p. 21) afirma que a sombra é a manifestação evidente do fulgor oculto, a negação da luz, diferentemente do que pensa a opinião geral. Assim como a recusa da luz, a recusa à representação é a manifestação suprema do Ser.

Assim, a essência do Ser, obstada pela técnica moderna e pela metafísica moderna, “se descobre ao olhar imediato como recusa, como o não-ser por

excelência” (Heidegger, 2025, p. 21), de modo que “o nada nunca é coisa alguma, mas o próprio Ser, a verdade que o homem será cedido quando superar a si mesmo como sujeito, ou seja, quando não mais entender o ente como objeto” (Heidegger, 2025, p. 21), sendo este movimento essencialmente o *dasein*.

Na mesma direção, o homem massificado da técnica moderna que domina a natureza numa lógica de subsistência é um mero executor, objetificado e limitado. O racionalismo organizacional obsta o *dasein* de sua manifestação plena e afasta o humano da verdade da natureza, ao afasta-lo de si mesmo, de modo que a problemática do racionalismo e da técnica moderna são convergentes ao se filiarem ao mesmo dilema ontológico.

A técnica moderna tem como premissa a instrumentalização do *dasein*, característico do esquema dual que separa sujeito e objeto. Este pilar sustenta o racionalismo organizacional na medida que não se trata meramente de um meio de organização do trabalho, mas ao envolver o próprio humano enquanto matéria-prima produtiva.

Deste modo, é possível entender este mecanismo técnico-objetificador do racionalismo organizacional como erigido na cientificidade que é efeito da decorrência histórico-ontológica da própria metafísica moderna. A metafísica funda uma era de acepção da verdade que tem a ciência moderna como expressão da vida humana, da mesma forma, o faz a técnica maquinal (Heidegger, 2025, p. 1).

A partir dessa reflexão crítica dentro da Teoria das Organizações quanto à condição humana, é possível pensar em nuances pouco exploradas dentro deste meio, como elementos envolvendo raça e gênero, por exemplo. Compreender o sujeito de maneira não objetificada é de suma importância para que se construa um paradigma que englobe as complexidades do humano, abdicando-se de instrumentalizações e simplificações (Astley; Van De Ven, 2007, p. 69-70; Serva; Dias; Alperstedt, 2010, p. 286). A crítica de Heidegger à técnica/ciência moderna e à metafísica ainda persiste, visto que paradigmas como o racionalismo também persistem, compreendendo o sujeito como dominador da realidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia hermenêutica de Martin Heidegger se constrói a partir do enfrentamento à filosofia da consciência, erigida na metafísica, que coloca o homem munido de sua razão, capaz de acessar os objetos através de uma utilização instrumental da linguagem. Ou seja, a linguagem é objeto a ser utilizado pelo homem, de modo a moldar a realidade a seus designios. É nessa esteira que se desenvolve mais à frente a problemática da técnica maquinadora e da ciência moderna, orientados por uma relação homem-mundo semelhante à metafísica, visto que estrutura uma lógica de objetificação.

O racionalismo é uma das correntes no âmbito da Teoria das Organizações que busca construir um ambiente calcado na rígida divisão e especialização do trabalho, hierarquia e desconsideração de qualquer elemento “humano” na execução do trabalho, como valores, moral ou emoções. Erigido numa lógica de ordem, o racionalismo busca a efetividade na busca por objetivos coletivos através da abdicção de tudo que está na individualidade do trabalhador que integra a organização. Tal paradigma reverberou e ainda influencia fortemente a Teoria das Organizações e outras áreas do conhecimento.

Os principais elementos desse paradigma podem ser analisados pelas lentes da crítica heideggeriana, tendo em vista a condição existencial que é colocado o sujeito que integra a estrutura organizacional. Fica latente que o subjetivismo metafísico reverberou em diversos âmbitos da produção do conhecimento, tendo em vista que a ciência moderna é fortemente direcionada por esse esquema, e influencia a formulação de teorias no paradigma racionalista.

Infere-se que é possível e necessário questionar a ciência que constitui o paradigma racionalista, visto que se alinha com o esquecimento do Ser, visto que trata o sujeito como pré-determinado e institucionalizado. Este modo de viver e compreender a realidade na presente temporalidade é problemática na medida que cria barreiras e torna opaca a percepção do homem de sua verdadeira realidade e da verdade da natureza.

Além disso, a crítica à técnica moderna pode ser aplicada a racionalidade organizacional, pois esta pensa o sujeito que integra determinada organização como um recurso instrumental, objetificado e sujeito a regras universais e com pretensões

científicas, além da dimensão da maquinização técnica constante na divisão do trabalho nos moldes propostos pela teoria racionalista.

Dessa maneira, o presente trabalho, focado numa análise de viés epistemológico e filosófico conclui, diante da hipótese estabelecida, que as críticas de Heidegger sobre a entificação do ser a partir da manutenção dos pilares da metafísica moderna e sobre a técnica moderna podem ser aplicadas no sentido de possibilitar a superação do racionalismo organizacional, visto que este modelo de pensamento perpetua uma instrumentalização e objetificação humana, que vê o sujeito como mero recurso de subsistência e obsta a relação do sujeito com o mundo que o cerca através de sua atividade.

REFERÊNCIAS

ASTLEY, W. Graham; VAN DE VEN, Andrew H. Debates e perspectivas centrais na teoria das organizações. In: CALDAS, Miguel P.; BERTERO, Carlos Osmar (coord.). *Teoria das organizações*. São Paulo: Atlas, 2007.

BRÜSEKE, Franz Josef. *A técnica e os riscos da modernidade*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

BRÜSEKE, Franz Josef. Heidegger como crítico da técnica moderna. Paper 071. *Papers do NAEA*, Belém, v. 1, n. 1, p. 3-41, 1997.

COCCO, Ricardo. A questão da técnica em Martin Heidegger. *Revista Controvérsia*, São Leopoldo, n. 1, v. 2, p. 34-54, 2006.

DELLAGNELO, Eloise Livramento; MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L. Novas formas organizacionais: onde se encontram as evidências empíricas de ruptura com o modelo burocrático de organizações? *Organizações & Sociedade*, v. 7, p. 19-33, 2000.

FADUL, Élvia Mirian Cavalcanti; MAC-A'LLISTER, Mônica de Aguiar. Limites e possibilidades disciplinares da administração pública e dos estudos organizacionais. *Revista de Administração Contemporânea*, Maringá, v. 13, n. 3, p. 351-365, 2009.

FAYOL, Henri. General principles of management. In: SHAFRITZ, J.; OTT, J.; JANG, Y. S. (org.). *Classics of organizational theory*. Belmont: Wadsworth, 2011.

GALIMBERTI, Umberto. O ser humano na era da técnica. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, n. 218, v. 13, p. 3-18, 2015.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *A época das imagens de mundo*. 1951. Tradução: Claudia Drucker. Disponível em: <https://irp.cdn->

website.com/e401e78b/files/uploaded/heidegger_imagens.pdf. Acesso em: 13 fev. 2025.

HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. São Paulo: Paulus, 2020.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LIMA, Micheli Rodolfo de; ROMERO, Luz Maria. Reflexões sobre a importância das pessoas nas organizações. *Revista Organização Sistêmica*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 5-20, 2013.

LOPARIC, Zeljko. *Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Abordagem Crítica nos Estudos Organizacionais: Concepção de indivíduo sob a perspectiva emancipatória. *Cadernos Ebape. Br*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 503-519, 2013.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2006.

REED, Michael. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG, S; HARDY, C; Nord, W (org.). *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Atlas, 1999.

SERVA, Maurício; DIAS, Taisa; ALPERSTEDT, Graziela Dias. Paradigma da complexidade e teoria das organizações: uma reflexão epistemológica. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 276–287, 2010.

SILVA, Benedicto. *Taylor e Fayol*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1960.

STEIN, Ernildo. *Seis estudos sobre ser e tempo (Martin Heidegger)*. Petrópolis: Vozes, 1990.

TAYLOR, Frederick Winslow. *Princípios de administração científica*. São Paulo: Atlas, 1990.

TOLSTOI, Liev. *Anna Kariênina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

DADOS DOS AUTORES

Luiz Eduardo de Sousa Ferreira

Mestre em Direito, Governança e Políticas Públicas pela Universidade Salvador (UNIFACS). Especialista em Filosofia e Teoria Geral do Estado pela Universidade Alves de Farias (UNIALFA/FADISP). Pós-graduando em Direitos Humanos pela Faculdade i9 Educação. Graduado em Direito pela Universidade Salvador (UNIFACS). Membro do Grupo de Pesquisa Políticas e Epistemes da Cidadania (GPPEC/UNIFACS/CNPq).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9106-6916>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2652367573669456>

E-mail: l.eduardosf13@gmail.com

Raique Lucas de Jesus Correia

Doutorando em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Salvador (UNIFACS), na condição de bolsista CAPES. Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano pela UNIFACS. Especialista em Gestão Social e Políticas Públicas do Patrimônio Cultural pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Direito pelo Centro Universitário Social da Bahia (UNISBA). Membro do Grupo de Pesquisa Políticas e Epistemes da Cidadania (GPPEC/UNIFACS/CNPq). Pesquisador Colaborador no projeto “Dos Direitos Humanos Aplicados no Contexto do Cárcere e da Cidade” vinculado no Instituto Jurídico Portucalense (IJP) da Universidade Portucalense Infante D. Henrique (UPT/Porto). Pesquisador Visitante na Universidad de Ixtlahuaca (UICUI/México), onde realiza estágio de pesquisa doutoral como bolsista do PDSE/CAPES.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0488-3037>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6550456476074625>

E-mail: raiquelucas@hotmail.com

José Euclimar Xavier de Menezes

Doutor em Filosofia Contemporânea pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Possui Pós-Doutorado em Filosofia Contemporânea pela Pontificia Università Lateranense (PUL/Roma). Realizou *research stay* em Filosofia dos Direitos Humanos entre as Universidade Portucalense Infante D. Henrique (UPT/Porto) e a Universidad de Salamanca (USAL/Salamanca). Professor permanente dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito, Governança e Políticas Públicas (PPDGPP) e em Desenvolvimento Regional e Urbano (PPDRU) da Universidade Salvador (UNIFACS). Líder do Grupo de Pesquisa Políticas e Epistemes da Cidadania (GPPEC/UNIFACS/CNPq) e coordenador da equipe de investigação do projeto “Dos Direitos Humanos Aplicados no Contexto do Cárcere e da Cidade” vinculado ao Instituto Jurídico Portucalense (IJP) da Universidade Portucalense Infante D. Henrique (UPT/Porto).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7839-7931>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5194408237403794>

E-mail: jose.euclimar@animaeducacao.com.br